

Entre a Polônia e o Brasil

Histórias de família

As irmãs Brocki e a juventude polono-brasileira no Rio de Janeiro

Família Brocki

Relato de Barbara, Elisabete, Irene e Lucyna

Origens da família - Somos filhas de Roman Władysław Brocki e Marianna Brocki (nascida Wojciechowska), dois poloneses que chegaram a São Paulo em 1949 como refugiados após o término da Segunda Guerra Mundial.



Família Wojciechowski em Fallenbostel, zona britânica da Alemanha, em 1948.

Da esquerda para a direita: Marianna, Franciszek, Józefa (avó), Jan, Józefa (filha), Jakub (avô) e Stanisław.

Autor desconhecido. Acervo família Brocki.

Roman, nascido em Rybnik, na Silésia, trabalhou como minerador e integrou o exército polonês durante a guerra. Fugiu da Polônia porque não suportava o sofrimento dos pais, presos pelo regime comunista imposto pela União Soviética. Marianna vinha de uma família de agricultores deportada pelo Exército Vermelho para a Sibéria em 1939. Mais tarde, a família viveu em um campo de refugiados em Nyabyeya, em Uganda. Roman e Marianna se conheceram em São Paulo, na comunidade polonesa, onde preservavam sua cultura participando de um grupo de danças folclóricas e de um coral. Casaram-se em 1955.

Vida comunitária e tradições - Em 1967, a família mudou-se para o Rio de Janeiro. Passamos a frequentar a paróquia polonesa de Nossa Senhora de Montes Claros, em Botafogo, e o Clube dos Poloneses, no bairro de Fátima. A comunidade era muito ativa e seus membros se apoiavam mutuamente, pois muitas famílias não tinham parentes na cidade nem no país.

Desde a infância, participávamos do coral e de celebrações cívicas e religiosas, entre elas: Dia da Constituição (3 de maio), Dia da Independência (11 de novembro), festa de Nossa Senhora de Częstochowa, Páscoa e Natal.





Celebração da Primeira Comunhão na antiga sede de Fátima, Rio de Janeiro, 1971(?).

Em pé, da esquerda para a direita Marianna e Roman, Wiktoria Galinska, Maria, Antoni e Aniela Gabriel, Lucyna Haczynska, Jadwiga, Lidia e Ivo Matic. Elisabete, Jan Gabriel, Irene e Marica Matic; agachados: Selma (?), Mirian Lopes, Barbara, Lucy, Juliana Zwolinski, menina desconhecida e Helena Duks. Autor desconhecido. Acervo família Brocki.

No Auto de Natal, ou *Jasełka*, interpretávamos anjinhos e aprendíamos *kolędy*, belas canções natalinas. Mamusia nos ensinou a fazer enfeites para a árvore, como as *gwiazdy* (estrelas).

Na Sexta-Feira Santa, decorávamos ovos cozidos ou *pisanki* com desenhos e esmalte de unhas que, ricos em detalhes, eram premiados nos almoços de Páscoa. No Sábado de Aleluia, levávamos à igreja a *święconka* (cesta com *pisanki*, sal, pão, linguiça e um ramo verde) para receber a bênção.

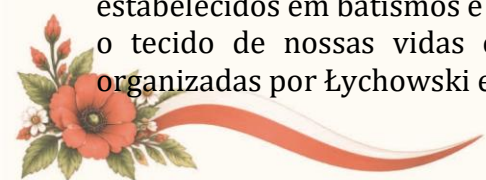


Bênção dos alimentos. Sábado de Aleluia. Sede da PSBRJ, 1976.

Em pé, da direita para a esquerda: Irene, Helena Duks, Lucyna, Lidia Matic, Pe. Zenon Gasiorowski, Barbara, Elisabete, Roberto Piesiecki, Marica Matic. Agachados, da direita para a esquerda: Jan Kłaskała, Crisantino dos Santos Filho, Henrique Sakało, Sérgio Gapanowicz, Luis Santos, Karol Jeśman, Jorge Wojciechowki (na frente), Zenon Gapanowicz e Edward Sakało. Autor desconhecido. Acervo família Brocki.

Convivência e laços afetivos - O Clube de Fátima e, mais tarde, a sede da Polonia Sociedade Beneficente do Rio de Janeiro (PSBRJ), em Laranjeiras, tornaram-se espaços essenciais de convivência comunitária e de preservação da cultura polonesa. Depois da missa, as famílias compartilhavam o almoço de domingo em Laranjeiras. Enquanto os pais cantavam e conversavam sobre os acontecimentos da semana, mantendo o idioma vivo, nós — os jovens da comunidade — aproveitávamos a pequena piscina e jogávamos vôlei e futebol. Junto com alguns amigos brasileiros, considerávamo-nos verdadeiros primos.

As senhoras eram carinhosamente chamadas de *ciocia* (tia) e os senhores de *wujek* (tio). A convivência se estendia às casas das famílias em confraternizações frequentes. Albina e Kazimierz Sakało foram padrinhos de Lucyna (Lucy), a caçula do grupo por um longo tempo. Os laços de compadrio estabelecidos em batismos e casamentos aprofundaram nossos vínculos afetivos e passaram a integrar o tecido de nossas vidas e nossa imersão na cultura polono-brasileira, cujas memórias foram organizadas por Łychowski e Kepinski (2022).





Apresentação do grupo folclórico em 1975, local desconhecido, dança Krakowiak.

Destaque na foto Barbara, Crisantino Santos Filho, Maria Gabriel. Demais integrantes presentes Juliana Zwolinski, Vicente Pawelec, Victoria Sulocki, Lidia e Marica Matic, Henrique Sakało, Karol Jeśman, Elisabete e Irene. Autor desconhecido.

Acervo Maria Gabriel.

Língua, dança e música - Na década de 1970, as aulas de polonês eram oferecidas inicialmente aos domingos, após a missa, e depois passaram a ocorrer na sede de Laranjeiras. Em meados daquela década, formaram-se um grupo de dança folclórica e um coral, sob a direção coreográfica de Natasha Dąbrowska e a regência de seu marido, Richard. Wiktoria Galinska e sua filha, Jadwiga Matic, confeccionaram boa parte dos trajes.

O grupo permaneceu ativo por cerca de dez anos e realizou apresentações marcantes em Petrópolis, Niterói e Mendes, no estado do Rio de Janeiro, e em São João del-Rei, em Minas Gerais.

Cultura, esporte e escotismo - Da década de 1970 até os anos 1990, a cultura polonesa, o esporte e o escotismo marcaram a nossa geração. Entre 1972 e 1974, padres e freiras poloneses organizaram acampamentos nacionais de escotismo para a juventude polono-brasileira no Sul do país. Essas atividades fortaleceram os vínculos entre participantes de todo o Brasil e despertaram em nós o gosto por acampar. Mais tarde, mantivemos essa prática junto às famílias do grupo folclórico do Rio de Janeiro durante feriados e no Carnaval.

Herança entre gerações - Embora não tenhamos sido criadas falando polonês em casa, convivemos continuamente com a cultura do país de nossos pais. Tatuś era autodidata e falava alemão, russo, croata e ucraniano. Gostava de nos ver estudando e se orgulhava de termos concluído o ensino superior. Duas de nós, Barbara e Elisabete, chegaram ao doutorado e, com o incentivo de Tomasz Łychowski e Kazimierz Sienkiewicz, desenvolveram o gosto pelo aprendizado de idiomas.

Nós e nossos filhos crescemos ouvindo relatos de superação da família Wojciechowski e de outras famílias que sobreviveram aos horrores da guerra. Nessas histórias, o patriotismo era especialmente exaltado pelos ex-combatentes. Elas nos ensinaram a perseverar e a preservar nossa herança polonesa.



Visita ao Museu da Imigração da Ilha das Flores, porto de acolhimento dos poloneses no Rio de Janeiro, em 2017.

Da direita para a esquerda, Jadwiga, Barbara, Irene, Lucyna, Marianna, Elisabete e Marica. Foto: Lars Rendbaek.
Acervo família Brocki



Os filhos de Irene, Roman Neto e Vanessa, e a filha de Lucy, Sofia, foram os que mais conviveram com os avós poloneses e continuam frequentando a PSBRJ. Marianna recebe o abraço do bisneto Lucas todas as noites, pois mora com Irene, Vanessa e seu companheiro Marcelo. Também nos emociona ver o bisneto Victor pedindo a canção *Sto lat* em seu aniversário. Ele adora ouvir as histórias narradas pela bisavó, hoje com 93 anos, e comer *pierogi* na ceia de Natal. Antes da ceia, partimos o *opłatek* (pão ázimo), conforme a tradição polonesa. As irmãs Lidia e Marica Matic, com quem também mantemos laços de compadrio, continuam participando não só da ceia de Natal, mas das demais confraternizações da família.



Natal em família 2025, casa de Vanessa e Marcelo no Rio de Janeiro. Da direita para a esquerda, frente para trás: Roman Neto, Arthur, Irene; 2ª fileira: Marica, Sofia, Victor, Marianna, Papai Noel, Lucas, Marcelo e Sofia T.; 3ª fileira: Lars, Gabriel, Barbara, Fernando, Lucy, Tatiana, Elisabete, Vanessa, Sergio e Angélica; 4ª fileira: Carlos M., Leonardo, Nele, Carlos T. e José. Autor desconhecido. Acervo família Brocki.

Todas já estivemos na Polônia. Barbara, que reside na Dinamarca, e Elisabete, cujo filho vive na Alemanha, visitam com frequência a terra de seus pais. Ambas continuam estudando a língua polonesa por meio do curso on-line oferecido pela PSBRJ. Lucyna é a irmã mais engajada na entidade e assumiu a vice-presidência na gestão 2026–2028, que reúne novos associados poloneses e descendentes. Assim começa um novo capítulo desta história.

Referência: Łychowski, T., Kepinski, A. 2022. 130 anos POLONIA: Sociedade Beneficente do Rio de Janeiro: atividades beneficentes, culturais e sociais: relatos familiares do Rio de Janeiro: Letra Capital. recurso digital; 25 MB. Disponível em: https://poloniasociedade.com.br/wp-content/uploads/2022/09/2a-Ed_corrigido-final.pdf. Acesso em: 04.10.2026.

**Barbara, Elisabete, Irene e Lucyna Brocki –
barbarabrocki@hotmail.com; ebrocki@uea.edu.br**

Realização:

Financiamento:

Apoio:

